

## PENSAMENTO ORIENTAL

### A FILOSOFIA INDIANA

Constança Marcondes CÉSAR

Instituto de Filosofia – PUCCAMP

Tentaremos expor, no que segue, breve panorama histórico e assinalar alguns conceitos-chaves do pensamento indiano.

Podemos dividir o pensamento indiano antigo em quatro grandes períodos: a) o **védico**, que abrange do século XV ao V a.C. Os textos mais importantes do período são: o **Rig-veda**, o **Sama-Veda**, o **lagur-Veda**, o **Atarva-Veda**. Textos menores, também importantes, desse período, são: **Bramanas**; **Sutras**; **Araniacas** e **Upanishads**; b) o **heróico**, de transição, durante o século X a.C.; a) o **bramânico heterodoxo**, do século V ao IV a.C., no qual as principais manifestações são o **jainismo** e o **budismo** e d) o **período ortodoxo**, em que surgem as escolas **loga** e **Vedanta** (século III a.C.).

O período védico é o mais antigo, anterior mesmo à civilização grega. Nele floresce um pensamento filosófico-religioso de grande profundidade e sofisticação, que se expressa inicialmente de forma poética, embora seu conteúdo metafísico seja especialmente interessante. Os **Vedas** constituem um resumo de tudo o que há de mais importante na filosofia indiana. **Veda** quer dizer **saber**, escritura santa, revelada pelos sábios **Rishis**. Revelação intuitiva, mediante a qual a verdade eterna é representada por **Braman**, criador do universo. Conhecimento sagrado, revelado intuitivamente aos sábios, conhecimento sagrado e secreto, lembrando os **mistérios gregos**. Conhecimento revelado, iniciático, cujas chaves são detidas pelos sábios. Revelava-se unidade do mundo, homem e Deus, ou seja, que o homem, o mundo e Deus são uma totalidade una, segundo uma perspectiva monista-panteísta. A totalidade é **Braman** e o mundo e o homem nada mais são que modos de manifestação da divindade, unidade indivisível.

O Rig-Veda diz, tratando da criação do mundo: "Não existia nem o Ser nem o não-ser, não existia atmosfera nem céu, nem a morte nem a imortalidade o dia não era separado da noite; só respirava o Um a partir de si mesmo e não havia nada senão Ele".

O **Reg-Veda** é uma coleção de orações, invocações, tratando da origem do Universo; o **Sama-Veda** é um conjunto de contos e máximas

religiosas, ensinando a viver; o **lagur-Veda** é constituído de fórmulas sacrificiais, de carácter mágico-religioso; o **Atarva-Veda** são imprecações e exorcismos, contra os demônios e os males.

Da mesma época, os textos menores; **Bramanas**, comentários explicativos dos Vedas, gergens da especulação filosófica, propondo uma base lógica e universal para os textos sagrados; os **Sutras**, livros de aforismos, pequenos textos que ensinam a interpretação dos Vedas; os **Araniacas**, "textos das selvas", contendo máximas e pensamentos profundos, para serem meditados na solidão dos bosques pelos **sadhus**, homens santos. Ainda hoje existem os eremitas que vivem nos bosques, em meditação.

Os **Upanishads** são os mais filosóficos desses escritos. "Textos das doutrinas secretas", expressam a sabedoria por excelência. Assim, na Índia, o mais filosófico é também o mais sagrado e o mais importante. Os **Upanishads** são comentários, que abordam o Ser Supremo, o "eu" e o mundo externo. Ou seja, tratam das relações entre o homem, o mundo e Deus. O "eu" de que falam não é simplesmente o "eu" individual, concreto, mas a alma que existe em nós e que é nossa via de acesso à divindade.

Para expressar esta unidade total do universo, a unidade entre a mais íntima interioridade e a alma do todo, os indianos usam a palavra OM ou AUM. A palavra é comentada nos **Upanishads**; simboliza a unidade do universo e é o som que representa o som de todas as coisas, aquilo que faz com que o universo seja um. Representa também a trindade indiana, Braman, Shiva e Vishnu. Os **Upanishads** dizem, a respeito desta palavra: "No fonema A, primeira parte do monossílabo, nascem e se dissolvem a terra, o fogo, o Rig-Veda e o Braman Criador"; a letra A é, pois, o símbolo da criação e da destruição do universo.

"No fonema U, segunda parte do monossílabo, nascem e se dissolvem o espaço, o ar, o lagur Veda e Vishnu, o Protetor. No fonema M, nascem e se dissolvem o céu e a luz, o **Sama-Veda** e Shiva, o Senhor", isto é, o aspecto destruidor de Deus.

A vida de Deus é uma contínua criação e destruição do Universo.

A palavra AUM representa, como dissemos, a trindade indiana; e também os livros sagrados, a totalidade dos elementos e essa dinâmica de criação e destruição permanentes, a perpétua mobilidade da energia no universo.

Os **Upanishads** dizem: "é preciso saber que a alma é una, mesmo quando parece apresentar diferentes formas; está presente em cada indivíduo, embora pareça múltipla, como a lua quando se reflete na água. As almas também parecem muitas, mas na realidade, a Alma é una". A totalidade é animica, sagrada, divina.

O **período heróico**, ocorre no século X a.C. Várias mudanças se passam na Índia. Os dravidianos que já habitavam a região no século XV a.C. encontram os povos árias, procedentes da Mesopotâmia e Irã. A palavra **ária** significa **nobre** e é o título que tal povo se dá a si mesmo. A passagem da sociedade tribal para a divisão do país em reinos é acompanhada de rivalidades e lutas e por uma evolução religiosa que conduz à emergência do período bramânico, no qual a estrutura da Índia atual começa a se esboçar e onde ocorre a hegemonia de Delhi (520 a.C.)

O bramanismo se desenvolve em decorrência da enorme importância, no período, da casta dos **brâmanes** (sacerdotes). A sociedade é dividida em castas e esta estrutura é, na verdade, uma proteção, na vida social, daquilo que se considerava o grande **Braman**. Da cabeça de Braman procedem os sacerdotes; do seu peito e coração, os guerreiros; das suas mãos, os lavradores, artesãos e comerciantes; dos seus pés, os **sudras** (escravos). Os **párias** são os que nascem de Deus.

**Braman** é uma palavra sagrada, uma fórmula sacrificial dos **Vedas**, que designa também os que recitam os textos sagrados, os sacerdotes e, substantivada, o próprio ser Absoluto.

Ao lado do conceito de **Braman** está um outro conceito importante: **Atman**, que representa a essência do homem e das coisas, a centelha divina presente na totalidade do mundo. Braman, por encarnação, por uma expansão, faz surgir a totalidade dos seres e esta multiplicidade é Atman. A essência do Homem e de tudo o que é, é Atman. Dizem os textos antigos: "Isto tu és: tu és intimamente Braman, porque teu Atman é Braman e Braman é Atman."

Na centelha divina que nos habita, há um reflexo de Deus, presença de Deus em nós. Nós somos deuses, somos aspectos de Deus, como a totalidade do universo. Desta forma, um moanismo **panteísta** caracteriza o pensamento indiano, desde os **Vedas** até o período bramânico. Moanismo panteísta, pois a essência das coisas é Atman a multiplicidade que conhecemos e que tomamos por realidade nada mais é que **maya**, ilusão. A multiplicidade é uma ilusão, uma vez que a totalidade é uma. Dessas concepções, de que Deus está presente no Universo e que o mundo é ilusão, decorrem um certo **pessimismo**, **fatalismo** e **ascetismo**; **pessimismo** em virtude da desvalorização do mundo sensível; **fatalismo**, caracterizado por um desinteresse pela vida imediata; **ascetismo**, que busca a libertação do mundo empírico, a fim de chegar ao Braman-Atman, única verdade.

O caminho para dissipar as ilusões é o do **conhecimento** e todos os movimentos filosóficos do período falam desse esforço e desse caminho. Resulta numa perspectiva metafísica interessante, uma vez que o real não é identificado com o dado imediato, mas com aquilo que subjaz às aparências. Sob as aparências está o verdadeiro sentido, a verdadeira realidade.

O bramanismo foi uma sistematização litúrgica, social e intelectual, da religião védica; não constitui novidade absoluta em relação à tradição antiga, mas consiste numa tentativa de expressar as concepções filosóficas dos **Vedas** e traduzi-las na vida humana e social.

O **período heterodoxo** tem no **jainismo** e no **Budismo** suas principais correntes de pensamento. Aparentemente hostis ao Bramanismo, por suas características, não chegam de fato a uma ruptura absoluta com a tradição.

No budismo, dá-se a não-aceitação da divisão da sociedade em castas, o repúdio aos cultos rituais e aos sacrifícios humanos; no jainismo, ocorre a valorização do mundo exterior, sensível.

A palavra jainismo deriva de uma palavra sânscrita que quer dizer **vencedor**. A corrente filosófica foi fundada por um príncipe guerreiro, e admite duas possibilidades de conhecimento: uma, a do conhecimento intuitivo, direto, imediato; outra, a do conhecimento indireto e imperfeito, perceptivo. Em vez de depreciar o mundo sensível como pura ilusão, afirma que este possibilita conhecimento, embora imperfeito, da realidade. Caracteriza-se pela busca da sabedoria e uma moral ascética, que lembra a moral dos **estóicos**, versão ocidental daquilo que os jainistas se propuseram. Para o jainismo, o bem é realizar o que de melhor existe em nós. Devemos, pois, realizar maximamente nossa dimensão espiritual, a fim de atingir o **nirvana**, absoluto desprendimento de si, que leva ao não-sofrimento, à beatitude, pela libertação do sensível.

Dos sistemas heterodoxos, o mais célebre é o budismo, inclusive pela repercussão que alcançou em toda a Ásia. Foi fundado por Sáquia Muni, "o sábio da família dos Sáquias", o príncipe Sidarta. O príncipe nasceu em 560 a.C. e viveu uma mocidade de prazeres. Aos 29 anos renuncia à sua situação social, para se entregar, por sete anos, à meditação, estudo e ascese. Segundo a lenda, o príncipe abandona o mundo porque, vivendo sempre em seu palácio, não conhecia as dores dos homens e, um dia, ao sair passeando pela cidade, descobre a dor da morte, ao ver um enterro; a dor do envelhecer, ao encontrar um velho acabrunhado pela velhice; a dor do sofrimento físico, vendo um doente. No seu passeio, Sidarta encontra a finitude e a morte e passa a desvalorizar a vida que levava. Toma consciência de que a única coisa que vale a pena, para o homem sujeito ao sofrimento, é buscar a sabedoria, uma vez que a felicidade é fugaz. Os sete anos de meditação a que a lenda se refere têm um sentido simbólico, o da evolução do homem. Meditando sete anos sob uma árvore, o príncipe alcança a iluminação intui a identidade entre a alma individual e a cósmica. Torna-se, assim, um "buda", um "iluminado". Esta iluminação significa que o príncipe tornou-se consciente de quatro verdades: a de que a dor universal; a de que a origem de dor são as paixões, os desejos; a de que o fim da dor é obtido mediante a aniquilação do desejo

(**nirvana**, momento em que a alma se liberta das suas paixões, que a aprisionam); a de que o meio para chegar ao nirvana à a ascese, contemplação e mortificação.

Para o nirvana, há oito caminhos possíveis (octoplavia): o crer, querer, falar, atuar, viver, esforçar-se, pensar e meditar, **retamente**: Ou seja, através da ação, vida, palavra, vontade, crença, qualquer um pode chegar à sabedoria.

O budismo fala da vinculação do homem ao absoluto e será um dos mais importantes movimentos de difusão do pensamento indiano no mundo. Desenvolveu duas modalidades: a do **pequeno veículo** que floresceu no Ceilão, Birmânia e Sião; a do **grande veículo**, no Nepal, Tibete, China, Coréia e Japão.

O budismo propõe um ideal de sabedoria, que pode ser atingido por um dos oito caminhos; visa o desapixonamento face ao sensível, de que Buda é o modelo exemplar.

Denominador comum aos Vedas, jainismo e budismo é a idéia de que há, no coração do homem, uma lótus, uma flor e de que no centro desta flor existe um círculo, dentro do qual se acha a alma, que é luz. Quando o homem atinge o centro do lótus, adquire conhecimento e "a alma sabe tudo que pode saber, canta, dança e grita de alegria", porque descobre o centro de seu ser.

Um momento importante do bramanismo é o da volta a ortodoxia. O **período ortodoxo** (século III a.C. a VIII d.C.) caracteriza-se pelo surgimento de seis sistemas filosófico-religiosos, que substituem a apresentação poética dos **Vedas** por uma formulação mais reflexiva da problemática mundo-homem-Deus. Os seis sistemas (dos quais os mais importantes são loga e Vedanta), constituem pontos de vista, perspectivas sobre a antiga tradição védica. Não se discute a tradição, mas lê-se os textos sagrados buscando o encontro com a divindade. Os seis sistemas surgem de um secretismo religioso, uma espécie de neo-bramanismo. É quando a trindade védica, Braman, Vishnu e Shiva é colocada em primeiro plano e floresce uma literatura jurídica, de que o código de Manu (séc. III a.C.), lei que regia a vida dos indianos, é a máxima expressão. A característica mais impressionante deste período é o sentido profundo da vida e do mal, bem como a desvalorização do mundo empírico, onde dominam a morte e o sofrimento. A **ioga** é, pois, um dos **darshanas** ("pontos de vista"); palavra sânscrita, **ioga** quer dizer **união**, do homem individual com a vida universal. Constitui um conjunto de técnicas que visam a iluminação e foi codificada por Patanjali. Tais técnicas visam favorecer a interiorização e levar à sabedoria. A indução à meditação e concentração recorre a **mandalas** ("círculos mágicos"), desenhos que representam a totalidade cósmica e humana.

Vedanta é o último dos sistemas ortodoxos, correspondendo a um movimento presidido por Samkara ("o sábio"), o qual sistematiza, sob a forma de aforismos (Brama-sutras), a antiga tradição bramânica. São escritos de pura metafísica, uma vez que especulam sobre o universal e o infinito. As idéias-chaves que veiculam afirmam que Atman é Braman, e que só existe o Um. A alma individual é chamada **jiva** e é identificada a Braman, alma universal. A fim de que possa surgir, no homem, a consciência da identidade entre o individual e o universal, Braman se personaliza, para estar a altura da consciência humana. Assim, o deus se manifesta através de personificações sucessivas. Há, pois, diversidade de manifestações, dentro de uma unidade fundamental. Assim, por exemplo, Braman representa o aspecto criador do universo e Shakti, sua esposa, a energia presente no mundo; Vishnu representa o destino, a conservação do universo; Shiva, o tempo e a destruição e sua esposa Kali, a morte.

A vida e a morte são, desta forma, símbolos do Absoluto. Há um ritmo cósmico, uma sucessão de criações e destruições do universo, correspondendo ao ritmo da vida de Braman.

A idéia de ritmo é muito importante na filosofia indiana; está associada a uma harmonia, entre o micro e o macrocosmo. Nos textos dos Vedas, dos Bramanas, dos Puranas, Deus é **causa** (Puruska) e **efeito** (Prakti) do universo. A alternância de manifestação e destruição dos mundos, mostra o movimento perpétuo da divindade. A pluralidade material do mundo é ilusão, **maya**. E todo o pensamento indiano é uma tentativa de indicar como podemos libertar-nos da ilusão; trata-se de perceber, sob o mundo sensível, a única realidade, a única do todo. Tal é o objetivo, conhecimento e sabedoria. **Maya** quer dizer **véu**. O mundo é **véu** que oculta a verdadeira realidade, que a ele subjaz. O sensível **vela** a realidade essencial. O que nos leva a renascer no mundo é a **ilusão**, a qual nos vincula a uma sucessão de vidas. Somos prisioneiros do mundo que amamos, até descobrirmos a verdade. Enquanto isto não acontece, estamos atados à roda da vida, **samsara**, a roda dos renascimentos.

O pensamento indiano, em todas as suas variantes, constitui um esforço de libertação da ilusão. A hatha-yoga, por exemplo, propondo o domínio do corpo físico, na verdade pretende não só a dominação do sensível, mas a libertação dele.

Todas as nossas ações engendram **Karma** ou **dharmas**. **Karma** quer dizer **ação** e consiste na lei de retribuição das ações, no princípio de causalidade atuando na existência. Quando agimos bem ou mal, estamos sob o domínio do **Karma** ou **dharmas** (dever). Ou obedecemos ao deus interior (**dharmas**), ou agimos engendrando conseqüências (**Karma**) e é isto que nos vincula aos renascimentos sucessivos. Quando, por ignorância, agimos imperfeitamente, estas ações têm ressonância nas vidas sucessivas, até esgotarmos o **Karma** (conseqüências inelutáveis das ações).

Quando o **dharma** domina, em vez de sermos vítimas dos acontecimentos, controlamos cada vez mais a nossa vida. É um agir, que resulta da sabedoria e não do acaso, produzindo implicações positivas, encadeamento positivo dos acontecimentos da vida e, em consequência, libertação. O sentido de responsabilidade ética está ligado à idéia de **dharma**.

A raja-ioga mostra que a ação deve ser a melhor possível, **agora**. Os indianos associam a ação errônea à ignorância, como os antigos gregos; o Sócrates platônico, por exemplo, identificava sabedoria e ação correta.

Para os indianos, somos manifestações de Deus; como a Lua, que é uma só, mas cujo reflexo parece múltiplo na água, no dizer dos **Upanishads**. Daí decorre o respeito a todos os seres; não se mata o animal, porque reconhecemos em qualquer tipo de ser a presença do Absoluto; donde a doutrina da não-violência (**Ahimsa**), retomada contemporaneamente por Gandhi.

No poema do Baghavat Gita (séc. IV d.C.), encontramos: "Sentiu temor; por isso teme todo aquele que está só; mas se não existe senão Eu, por que temer?" O poema é uma espécie de resumo dos **Vedas**, mostrando a vida como **batalha**. O caminho para a divindade faz-se através da luta pela conciliação entre os opostos. O poema trata ainda no retorno ao ar, da libertação (**moksha**), pela atitude devocional. A devoção é **bakti**, respeito ao deus que nos habita e habita o mundo. No dizer dos **Upanishads**: "Como de um fogo jorram centelhas idênticas, assim as inumeráveis criaturas procedem do ser indestrutível e voltam a ele".

Em resumo, os conceitos centrais da filosofia indiana são:

a) a noção de **Karma**: princípio de causalidade no âmbito da ação. Toda ação imperfeita engendra consequências inelutáveis;

b) a noção de **dharma**: ação correta, que gera libertação;

c) a identidade entre a alma universal (Braman) e a alma individual (Atman);

d) a manifestação e destruição periódicas do mundo expressam o ritmo harmonioso do universo, onde a vida e a morte constituem uma indivisível totalidade;

e) a libertação das ilusões, da sedução pelo sensível, mediante a consciência de que sob o mundo das aparências há algo mais real, onde o homem encontra o sentido último do seu existir.